

## **XLI - Quais os factos mais marcantes em 2000 para o sector de Capital de Risco?**

O ano de 2000 para o Capital de Risco, em Portugal, foi marcado por quatro factos positivos e por dois negativos.

Assim como factos positivos temos:

- A entrada de novos operadores nomeadamente por via das Corporate Ventures ( ex: Novabase Capital, Sonae.com .Bes.com, Media Capital, etc..) e de operadores independentes ( ex: Change Partners) que com os seus investimentos em empresas de novas tecnologias e não só, vieram trazer ao sector algo que lhe faltava, i.é, Concorrência.

Com efeito um sector que até há bem pouco tempo era dominado sómente pelos operadores públicos, passou a ter um acréscimo de concorrência e de dinamismo nunca vistos. Daí que , mesmo em clima de pessimismo generalizado com os mercados de novas tecnologias a registarem perdas consecutivas em todo o mundo, os Investimentos em capital de risco , em Portugal, tenham aumentado substancialmente face ao ano de 1999( vidé Indicador).

O " Engodo do Lucro" gerou assim um aumento de atenção, criatividade , capacidade de análise e maior assunção de riscos que como é óbvio se reflectiu num aumento de actividade por parte das SCR nacionais logo num maior numero de operações analisadas e concretizadas.

- A realização de dezenas de iniciativas ( seminários e conferências , livros publicados, artigos de opinião, Trabalhos realizados pela Imprensa Especializada, trabalhos académicos, entre outras) que contribuíram e muito para a Evangelização do sector de capital de risco , i.é., para a promoção da sua missão e das vantagens e competências específicas face a outros instrumentos de financiamento empresarial. Estas acções contribuíram para que o Capital de Risco passasse a ser tema de conversa do dia a dia empresarial quando antes era algo que só fazia parte da Teoria possibilitando a criação de um clima de optimismo junto dos empreendedores, nomeadamente os que se encontram ligados às novas tecnologias, levando-os a acreditar que também é possível ,em Portugal, a obtenção de financiamento via capital de risco.
- A chegada ao mercado nacional de toda uma panóplia de conselheiros especializados em criação de empresas como são o caso dos: "caçadores de cabeças", advogados, consultores de marketing, angariadores de capital de risco, gabinetes de relações públicas, jornalistas especializados, ou seja a presença de um conjunto de especialistas que permitiram « industrializar » a criação de start-ups, ao fazer beneficiar entre eles de uma rede muito densa de profissionais de alto nível, e o que é mais importante , desde a sua criação.
- A criação do Novo Mercado- parabéns Dr Alves Monteiro- de empresas de elevado potencial de crescimento o qual permitirá por um lado organizar , num futuro próximo , as nossas Small Caps dotando-as de adequadas capacidades de financiamento ao seu desenvolvimento e por outro aos operadores de capital de risco possuírem um Mercado no qual poderão alienar, caso assim o entendam, as participações que , em devido tempo, efectuaram , nas citadas smalls caps, e dessa forma obterem a tão desejada liquidez para que possam investir em novos projectos empresariais.

Ao nível dos aspectos negativos há a registar:

- a total falta de visão do poder político para a necessidade de criar um enquadramento fiscal favorável à actividade de Capital de Risco, quer formal quer informal, situação esta tanto mais grave quanto sabemos ter sido aprovada nesse período, uma "pseudo" reforma fiscal. Com efeito a manutenção, por um lado de uma taxa de tributação efectiva das SCR de 35,2%, em sede de IRC, ao contrário do que acontece , por

exemplo em Espanha onde as SCR são tributadas em 1%, e a contínua ausência de incentivos fiscais aos Investidores informais que invistam em PME não cotadas, em bolsa, contrariamente ao que acontece em França, p.ex., contribuem para que os empreendedores portugueses continuem a não ter acesso não só ao Capital Dinheiro, mas fundamentalmente ao Capital Conhecimento resultante do "saber fazer" das redes de contactos internacionais que lhes permitam colocar os seus produtos e serviços mais facilmente nos mercados globais.

- Ausência de iniciativas profissionais que contribuam para a dinamizar o aparecimento de Jovens Empreendedores e conseqüentemente de mais projectos de investimento que possam beneficiar das condições que actualmente o lado da Oferta ( Incubadoras públicas e privadas, clubes de business angels, corporate ventures, Sociedades de capital de risco e até de um Novo Mercado) possui.

A este nível pergunto mesmo: será que é a existência do Novo Mercado que está errado – como muitos infelizmente apregoam- ou será a incapacidade de criar condições que potenciem o aparecimento do tal espírito empreendedor que alimenta esse Novo Mercado?

Olhando para o que os outros países fizeram encontramos soluções para diminuirmos o "gap" de novos empreendedores/projectos conforme o demonstra .p.ex., e este é apenas um, o êxito que as Capitais de Risco americanas obtêm pelo facto de sponsorizarem concursos nacionais de planos de negócios. Com efeito alguns dos vencedores fundam as próprias empresas e iniciam novos negócios, tendo como base de arranque os prémios obtidos, com muito êxito e nas quais as SCR acabam por investir.